



ÁLVARO SIZA VIEIRA  
Adega Mayor, Campo Maior, Portugal

"SEM LUZ, NÃO HÁ ARQUITETURA."  
O céu estava completamente cerrado,  
mas, por instantes, uns raios de luz  
conseguiram passar pelas nuvens  
e conferir à fotografia todo este dramatismo.

## DUAS ARTES

A FOTOGRAFIA UNE-SE À ARQUITETURA PARA DAR ORIGEM A CLIQUES QUE CAPTAM A ESSÊNCIA DA INTERVENÇÃO HUMANA NA NATUREZA. O PORTUENSE RICARDO LOUREIRO MOSTRA-NOS O SEU TRABALHO E AS OBRAS QUE MAIS MARCARAM A SUA CARREIRA. Por MARTA TALHÃO.

Desde cedo, a paixão por captar o momento fê-lo apaixonar-se pela arte da fotografia e querer "conhecer todos os seus segredos". No entanto, foi na área da arquitetura que Ricardo Loureiro, nascido no Porto em 1980, investiu quando chegou a altura de optar por uma formação superior. A fotografia manteve-se como *hobby* até 2008, altura em que um convite para participar num anuário de Arquitetura, onde iria fotografar a Adega Mayor, do arquiteto Siza Vieira, e o Parque Verde do Mondego, de Gonçalo Byrne, mudou o rumo da história.

"Decidi, então, investir em material específico para fotografar arquitetura e transformar o que, até então, era simplesmente um *hobby* numa profissão", conta, em entrevista à GQ. Fascinado pela



WILLY MÜLLER ARCHITECTS  
Mercabarna Flor, Barcelona, Espanha

A grande cobertura em zinco deste mercado nos arredores de Barcelona, inspirada nos campos de cultivo de flores, popularizadas pelas fotografias aéreas de Yann Arthus-Bertrand, faz dele um edifício icónico e um caso de estudo no tema sobre a cor na arquitetura.

perfeição que pode ser alcançada num simples disparo, aproveitou o seu *background* para estabelecer-se definitivamente no meio. "A paixão pela Arquitetura foi a ponte entre estes dois momentos, o que me permite, hoje, estar nos dois mundos, o da Fotografia e o da Arquitetura", justifica.

Numa altura em que prepara a sua ida a Itália, onde irá estar presente na 15.ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Ricardo Loureiro tem vários projetos em mãos, entre os quais fotografar um projeto do *atelier* ADOFF, Arquitetos, em Mirandela, e uma intervenção numa casa da década de 70, do *atelier* Paulo Santa Cruz. Independentemente do projeto, Ricardo Loureiro pretende "captar a essência da obra e a visão do arquiteto", ou seja, "transportar algo tão complexo como





ASENSIO MAH  
Q House, Espanha

"A ARQUITETURA E A PAISAGEM."

Algo importante na fotografia de arquitetura é mostrar a relação que a obra estabelece com a sua envolvente e de que forma esta se integra nela.

Neste caso, a dupla de arquitetos e professores em Harvard propôs uma abordagem alternativa para a complexa topografia do terreno, pretendendo, com isso, uma relação mais direta entre a casa e o jardim.

ARQUITETOS ANÓNIMOS  
Cork House, Esposende, Portugal

Um denso revestimento de bloco de aglomerado cortiça envolve a totalidade do volume que se destaca da envolvente construída e procura integrar-se na paisagem de terrenos agrícolas ao seu redor.



ADOFF ARQUITETOS  
Casa Lote 31, Mirandela, Portugal

Uma casa minimalista no interior de Portugal. Embora se assumia como verdadeiramente contemporâneo, o projeto procurou criar um diálogo entre a arquitetura atual e o contexto mais tradicional em que se insere.

é uma obra de arquitetura para uma fotografia, fazer com que esta se aproxime o máximo possível da experiência vivida e que traduza tudo aquilo que o arquiteto pretendeu alcançar".

Oito anos depois da decisão de dedicar-se à fotografia de arquitetura, o português guarda com especial carinho a sua primeira fotografia publicada, da Adega Mayor, e duas do Mercado das Flores, em Barcelona, que fizeram capa de publicações holandesas. Este último projeto foi, para Ricardo Loureiro, o mais difícil de ser fotografado. "Tem uma arquitetura com uma forma e uma materialidade muito diferentes do que estava habituado. Lembro-me de que fiz quilómetros à volta do edifício, à procura das melhores fotografias", recorda. Já as mais belas obras, assegura, "são sempre as do arquiteto Álvaro Siza Vieira".

O fotógrafo português acredita que pode atingir-se um clique perfeito se, como dizia Cartier-Bresson, a fotografia "alinhar o cérebro, o olho e o coração. Penso que já o tenha alcançado, mas parto para cada reportagem como se nunca o tivesse conseguido, numa tentativa constante de tentar superar-me para não me acomodar a um estilo ou uma fórmula", reflete. Quando lhe perguntamos como definiria o seu trabalho, Ricardo Loureiro descreve-o numa palavra: epifania. "A procura pela sensação profunda de realização, o sentido de compreender a verdadeira essência de cada obra que fotografo. Ou seja, a vontade de transmitir com a fotografia algo esclarecedor e completo sobre a obra e dar-lhe uma nova e profunda perspetiva." As fotografias que mostramos nestas páginas são o resultado dessa perspetiva.●

